

AMAZÔNIA GAÚCHA: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO EM VILHENA – RO¹

AMAZON FROM PAMPAS: A SOCIOLINGUISTIC STUDY IN VILHENA - RO

Ednaldo Tartaglia Santos

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: dinaldots@hotmail.com

Sorhaya Chediak

Mestranda em Letras pela da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: sorhayachediak@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é a explanação de uma pesquisa sociolinguística realizada em Vilhena – Rondônia. Verificamos as atitudes linguísticas dos moradores de Vilhena em relação ao dialeto gaúcho propagado no município e sua contribuição para a construção do linguajar vilhenense. Assim, questionamos: o dialeto gaúcho contribuiu na construção sociolinguística de Vilhena? Para responder essa questão, fizemos uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo com aplicação de questionários sociolinguísticos. Sustentamos nossos argumentos nos estudos sobre a língua e a linguagem (CABRAL, 1982; FERREIRA & CARDOSO, 1994), a cultura (ABBAGNANO, 1982; DUBOIS, 2004; TYLOR, 1920), a identidade (BAUMAN, 2005; HALL, 2006) e a respeito da Sociolinguística (CALVET, 2002; MUSSALIM & BENTES, 2005). A análise desenvolvida aponta as atitudes de alguns moradores em relação ao linguajar proferido no município, a força do dialeto vilhenense, além de mostrar elementos da cultura gaúcha, suas tradições que são visíveis, em Vilhena, desde a emancipação política até atualidade.

Palavras-chave: Sociolinguística. Atitudes linguísticas. Dialectos. Vilhena. Amazônia.

ABSTRACT

This work is the explanation of a sociolinguistic survey conducted in *Vilhena - Rondônia*. We checked the language attitudes of Vilhena residents in relation to the dialect from pampas propagated in the city and its contribution to the construction of language from Vilhena. So we ask: the pampa's dialect contributed in Vilhena sociolinguistics building? To answer this question, we made a literature review and field research with application of sociolinguistic

questionnaires. We maintain our arguments in studies about the language (CABRAL, 1982; FERREIRA & CARDOSO, 1994), culture (ABBAGNANO, 1982; DUBOIS, 2004; TYLOR, 1920), the identity (BAUMAN, 2005; HALL, 2006) and about the Sociolinguistics (CALVET, 2002; MUSSALIM & BENTES, 2005). The analysis points the attitudes of some residents in relation to the language spoken in the city, the strength of Vilhena's dialect, besides showing elements of the state's culture, traditions that are visible in Vilhena, from political emancipation until today.

Key-words: Sociolinguistics. Language attitudes. Dialects. Vilhena. Amazon.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a construção da variação dialetal e as atitudes de alguns moradores do município de Vilhena, Estado de Rondônia, perante a maneira como o português é falado por sua comunidade, verificando a contribuição, ou não, do dialeto gaúcho para a formação de um dialeto vilhenense. Assim, nossa pergunta de pesquisa é: o dialeto gaúcho contribuiu na construção sociolinguística de Vilhena?

Para responder nossa pergunta de pesquisa fizemos uma pesquisa bibliográfica, e também uma pesquisa qualitativa através de questionários sociolinguísticos. A pesquisa bibliográfica deu suporte aos nossos argumentos sobre os estudos linguísticos, sobre a cultura gaúcha e a respeito da história do município de Vilhena. A pesquisa de campo contemplou as atitudes dos imigrantes gaúchos, dos imigrantes não gaúchos e dos nativos vilhenenses em relação à variação linguística proferida no município.

Fazer uma pesquisa sociolinguística requer estudar a língua, a cultura e a sociedade. Para tanto, resgatou-se historicamente o processo de colonização de Vilhena, bem como traços de sua cultura, para melhor compreendermos a formação linguística, social e cultural dos moradores da cidade que é conhecida como Portal da Amazônia.

A SOCIOLINGUÍSTICA: LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

A Sociolinguística é uma ciência ramificada da linguística. Tem por objetivo os estudos linguísticos, antropológicos e sociológicos que tratam dos aspectos sociais do uso da língua. Veremos alguns apontamentos a respeito de língua, cultura e sociedade.

Ferreira e Cardoso (1994) relatam que a história da língua é resultante de uma evolução e de uma divisão de uma língua anterior. Como exemplo, temos o latim que teve sua estrutura modificada e resultou na formação das línguas românicas. A língua é assimilada como um sistema; é a extração de novas substâncias que são concretizadas no ato da fala como símbolos comunicativos. Desse modo, ela aparece diversificada.

Para Cabral (1982), a língua é o principal objeto da linguística, pois ela é um sistema de valores que se opõem uns aos outros. Saussure (2006) também defende essa teoria no *Curso de Linguística Geral*:

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem (SAUSSURE, 2006, p. 18).

Se a língua faz a unidade da linguagem, sem dúvida, ela é o principal objetivo da linguística ao estudar a linguagem. Assim, se ela é uma manifestação social, se está inserida na mente de cada falante como um produto social, também é um elemento cultural.

A respeito de cultura, utilizamos a acepção do antropólogo Edward Burnett Tylor (1920, p. 01, tradução nossa), em que salienta “CULTURA [...] é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”². Assim, ele define a cultura como a revelação do contexto social dos sujeitos, distinguida por sua magnitude coletiva.

Calvet (2002) menciona algumas concepções de grandes estudiosos que atentaram para o estudo da língua inter-relacionada com a cultura e a sociedade. William Labov (1976) *apud* Calvet (2002, p. 12) afirma que, se a língua é fato social, isso significa dizer que a Sociolinguística é a própria linguística. Já Antoine Meillet (1965) (*apud* CALVET, 2002, p 16) salienta que a língua é, ao mesmo tempo, um fato social e um sistema que tudo contém; por ser a língua um fato social, logo, a linguística é uma ciência social que tende a explicar a variação linguística e a mudança social.

Mussalim e Bentes (2005) diz que a linguagem e a sociedade constituem o ser humano:

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua (MUSSALIM & BENTES, 2005, p. 21).

Podemos articular que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, manipulada, delineada e analisada em seu conjunto social, isto é, manifestada em ocasiões reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística. Ao estudar determinado grupo linguístico, a constatação mais imediata é a existência de uma diversidade dialetal. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas que se tornam objetos de estudo da mesma (MUSSALIM & BENTES, 2005, p. 31-2).

Nesse contexto, a língua varia socialmente, geograficamente e historicamente. Desse modo, também varia a forma espontânea de se comunicar. Segundo Calvet (2002), é de interesse da Sociolinguística o estudo do comportamento social que essa forma pode provocar. Ela pode provocar dois tipos de comportamentos linguísticos: um se refere ao modo como os falantes encaram sua própria fala; outro se refere às reações dos falantes ao falar dos outros.

Calvet (2002, p. 81) afirma que as atitudes linguísticas são poderosos fatores de evolução linguística, pois se há uma sociedade que exige mudanças e adota determinadas variações linguísticas por influência sociocultural, desse modo, a evolução linguística acontece. Willian Labov (1976) *apud* Calvet (2002, p. 87) apresenta a evolução linguística em três etapas: na origem, a mudança se reduz a uma variação no discurso de algumas pessoas; depois ela se propaga e passa a ser adotada por tantos falantes que de agora em diante se opõe frontalmente à antiga forma; por fim, ela se realiza e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais. Desse modo, a Sociolinguística verifica a relação entre língua e sociedade, realizando um estudo sobre a língua no contexto social, correlacionando as variações existentes na expressão verbal às diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares de uma língua (MUSSALIM & BENTES, 2005, p. 50).

Portanto, a Sociolinguística estuda o ser humano em comunidade social e cultural, avaliando seu comportamento, suas influências, suas atitudes e seus aspectos linguísticos, organizados no decorrer de sua evolução, como componente de uma sociedade.

VILHENA, A LINHA TELEGRÁFICA E A BR 364: ARTÉRIAS DA COLONIZAÇÃO

Vilhena é um município brasileiro localizado no sul da Amazônia, mais precisamente no sul do Estado de Rondônia. O município também é conhecido como *Portal da Amazônia*, pois está localizado na entrada da Amazônia Ocidental, e, ainda, é conhecido como *Cidade Clima da Amazônia* por estar localizado geograficamente na Chapada dos Parecis, assim, em alguns períodos do ano, tem temperaturas amenas em relação ao restante do Estado. Vilhena possui uma população de mais de 76 mil habitantes (IBGE, 2010).

Abordaremos alguns aspectos da colonização vilhenense para melhor compreender sua história e sua formação sociocultural. É importante destacar que todo o processo de colonização do Estado de Rondônia foi de grande importância para a história de cada município. Assim, com a elevada comercialização do látex na região dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, e com a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, o Governo brasileiro resolve integrar essa região ao restante do país. O presidente Afonso Pena nomeia o oficial do corpo de engenharia militar, Major Cândido Mariano da Silva Rondon, para chefiar a Comissão Construtora das Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas que, desde cedo, recebeu seu nome, Comissão Rondon.

Em 12 de outubro de 1910, foi inaugurada a estação Vilhena, a primeira estação telegráfica construída em território rondoniense. Rondon homenageou o engenheiro telegráfico Álvaro Coutinho de Melo Vilhena, natural do Maranhão, chefe da Carta Telegráfica da República e diretor geral dos Telégrafos entre 1900 e 1902 (SILVA, 1984, p. 79-81).

Com a abertura da BR 364, surge Vilhena, um ponto de apoio para a construção da rodovia, onde, até 1960, só existia a casa da Estação Telegráfica Vilhena. Posteriormente, o Governo Federal juntamente com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA implantaram os Projetos de Integração e Colonização, conhecidos como PIC'S. Oliveira (1998) discorre:

A partir da década de 70, o Governo passou a promover a implantação de grandes Projetos de Colonização (PIC'S). Estes projetos consistiam na distribuição de lotes de terras aos migrantes através do INCRA que fez um recadastramento dos imóveis rurais, seguidos de Projetos de Integração e Colonização, intensificando ainda mais o fluxo migratório. (OLIVEIRA, 1998, p. 67)

No ano de 1973, foi instalado o PIC – Paulo de Assis Ribeiro, na região de Colorado do Oeste, resultando no surgimento das cidades vizinhas e contribuindo fortemente para o desenvolvimento da vila de Vilhena. A vila também era um ponto de apoio e de espera para os colonos que aguardavam a distribuição de lotes de terra pelo INCRA, além de se tornar porta de entrada dos imigrantes brasileiros que adentravam o Estado em busca de um “Eldorado”.

O município crescia a passos lentos. Em 1963, de acordo com o Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora de Vilhena, foi erguida a primeira capela no povoado, onde o padre Ângelo Spadari realizou a primeira missa daquele ano, em homenagem a Nossa Senhora do Loreto. Em 23 de novembro de 1977, foi criado o município de Vilhena (BRASIL, 2000).

Com esses apontamentos, percebemos que Vilhena carrega, em sua construção histórica, caracteres de imigrantes de diversas partes do país que adentraram e permaneceram no Estado de Rondônia e no próprio município. Entretanto, o Portal da Amazônia possui uma forte concentração de imigrantes do Sul do Brasil.

AS ENTIDADES TRADICIONALISTAS GAÚCHAS E SUAS HIERARQUIAS

A cultura gauchesca é preservada por entidades e movimentos tradicionalistas que, por se orgulharem de suas raízes, lutam para manter acesas as tradições sul-rio-grandenses. A cultura gaúcha expandiu-se pelo Brasil e pelo mundo, levando consigo a bagagem cultural de sua terra. Para melhor estudar e compreender a cultura gaúcha, verificamos também a acepção de cultura de Dubois (2004):

Cultura é o conjunto complexo das representações, dos juízos ideológicos e dos sentimentos que se transmite no interior de uma comunidade. Nesta acepção, a palavra engloba os conceitos que dependem da literatura e das belas-artes, mas excedendo-os muito amplamente; assim também os conhecimentos científicos de um indivíduo, designados muitas vezes por “cultura científica”, constituem apenas uma parte da sua cultura no sentido sociológico do termo. Portanto, a cultura compreende especialmente todas as formas de representar o mundo exterior, as relações entre os seres humanos, os outros povos e os outros indivíduos (DUBOIS, 2004, p. 163).

No entanto, adicionando o conceito de tradição que, de acordo com Abbagnano (1982, p. 927), é “a herança cultural, isto é, a transmissão de uma geração para outra de crenças ou de técnicas”. Assim sendo, verificamos que o espírito tradicionalista gaúcho faz transcender seu conhecimento nacionalista, regionalista, linguístico, folclórico, político e social, compondo a herança cultural de seu povo.

No Brasil, os tradicionalistas gaúchos organizaram-se hierarquicamente e fundaram entidades para garantir a propagação das tradições gaúchas. Essas entidades estão distribuídas, hierarquicamente, da seguinte forma: a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, conhecida pelas siglas CBTG; o Movimento Tradicionalista Gaúcho, identificado pela sigla MTG; e os Centros de Tradições Gaúchas, representados pela sigla CTG.

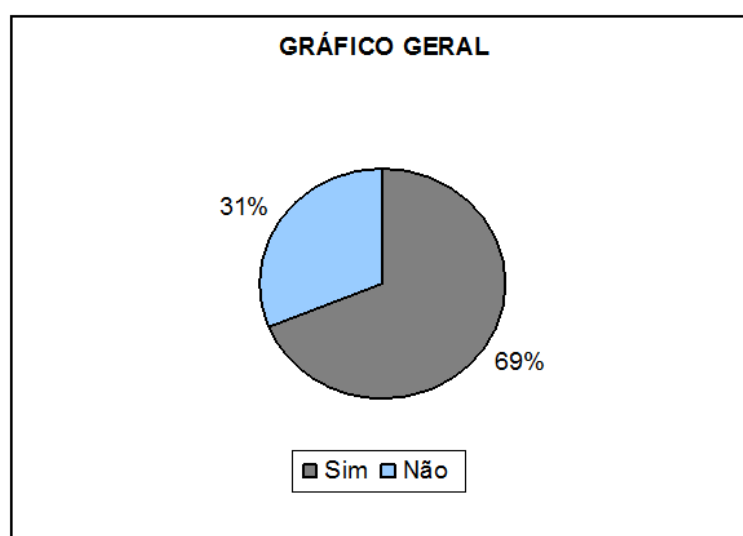
PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

Fizemos uma pesquisa de cunho qualitativo. Entrevistamos 35 pessoas que juntas compuseram a amostra da sociedade vilhenense em nossa pesquisa. As entrevistas foram realizadas através de três questionários sociolinguísticos que contemplaram informações na

idiosincrasia dos imigrantes gaúchos, dos imigrantes não gaúchos e dos nativos vilhenenses. Os informantes tinham idades entre 17 e 77 anos; dentre esses, 15 migrantes gaúchos, 10 migrantes não gaúchos e 10 nativos. Analisamos as perguntas mais relevantes para compreender as atitudes e os comportamentos dos moradores de Vilhena em relação à língua e à cultura.

Investigamos se os entrevistados observam alguma diferença no linguajar vilhenense em relação ao restante do país. Com os dados coletados, confeccionamos o Gráfico 01:

Gráfico 1: Existência de uma variação dialetal vilhenense na percepção dos informantes.



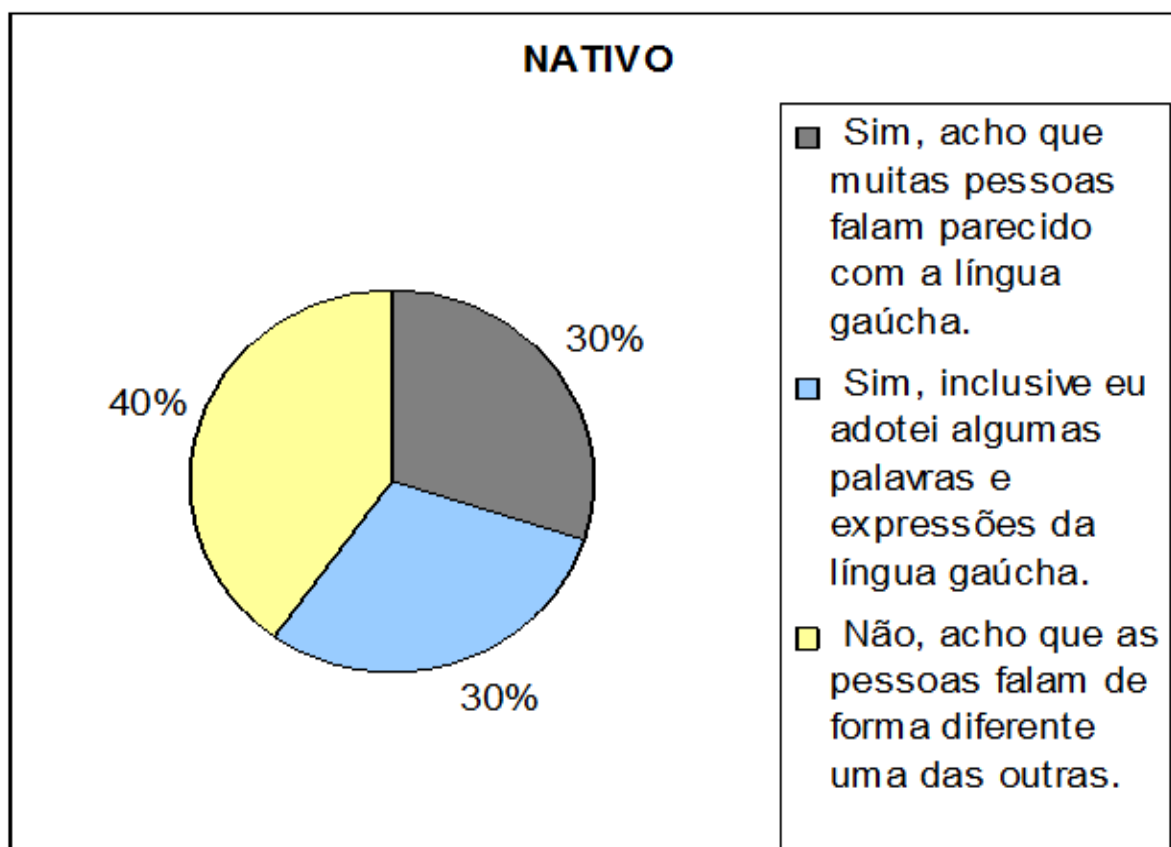
Fonte: Elaborado pelos autores.

As informações coletadas revelam que os imigrantes gaúchos e não gaúchos, em sua maioria, disseram identificar alguma diferença no falar vilhenense, entretanto, os nativos ficaram divididos. Assim, analisando o Gráfico 01, obtivemos as seguintes informações: 31% dos informantes disseram não observar diferença na variação dialetal de Vilhena, todavia, 69% dos entrevistados disseram que percebem uma diferença no linguajar vilhenense.

Indagamos aos imigrantes gaúchos se gostam do seu jeito de falar, ou seja, da língua gaúcha. De acordo com os dados coletados, 100% dos entrevistados disseram achar bonito o seu jeito de falar. Desses, 67% salientaram que têm orgulho da sua variação dialetal. Hall (2006, p.76) salienta que as “identidades nacionais [...] representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares”, assim, o sentimento expresso pelos imigrantes gaúchos é de identificação, pois estamos nos referindo a sua cultura, seus caracteres linguísticos, sua identidade.

Com o intuito de verificar a contribuição do dialeto gaúcho na construção sociolinguística vilhenense, perguntamos para os nativos se acham que as pessoas falam um dialeto próximo ao dialeto gaúcho em Vilhena. Assim, com as informações levantadas, tecemos o Gráfico 02:

Gráfico 2: A presença do dialeto gaúcho, em Vilhena, na percepção do nativo.

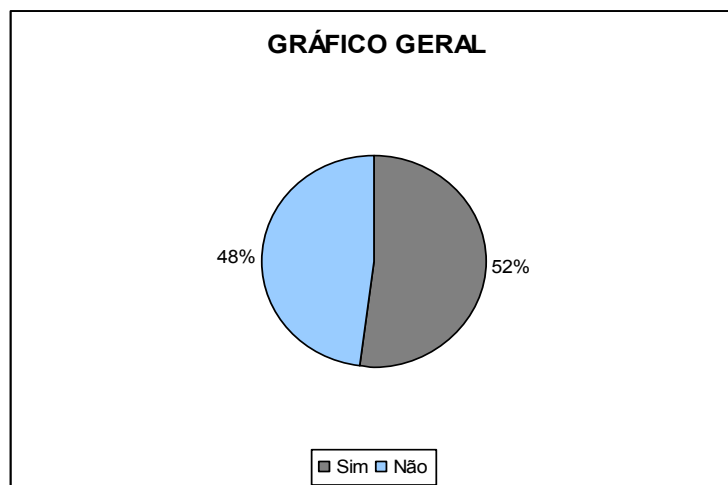


Fonte: Elaborado pelos autores.

Os nativos, ao responderem esta questão, estavam discorrendo sobre o seu próprio dialeto. Assim com o Gráfico 02, observamos que 40% acham que ainda não há um dialeto formado em Vilhena, devido a uma diversidade de falares. No entanto, 60% disseram que a comunidade fala um linguajar próximo ao dialeto gaúcho. E, ainda, 30% afirmaram que foram influenciados pelo dialeto gaúcho, pois adotaram algumas palavras e expressões desse linguajar. Assim sendo, a maioria dos nativos afirma que há uma variação dialetal próxima do dialeto gaúcho em Vilhena.

Perguntamos também aos imigrantes se, em suas percepções, o dialeto gaúcho está contribuindo na construção sociolinguística de Vilhena e construímos o Gráfico 03.

Gráfico 3: A presença do dialeto gaúcho, em Vilhena, na percepção dos imigrantes

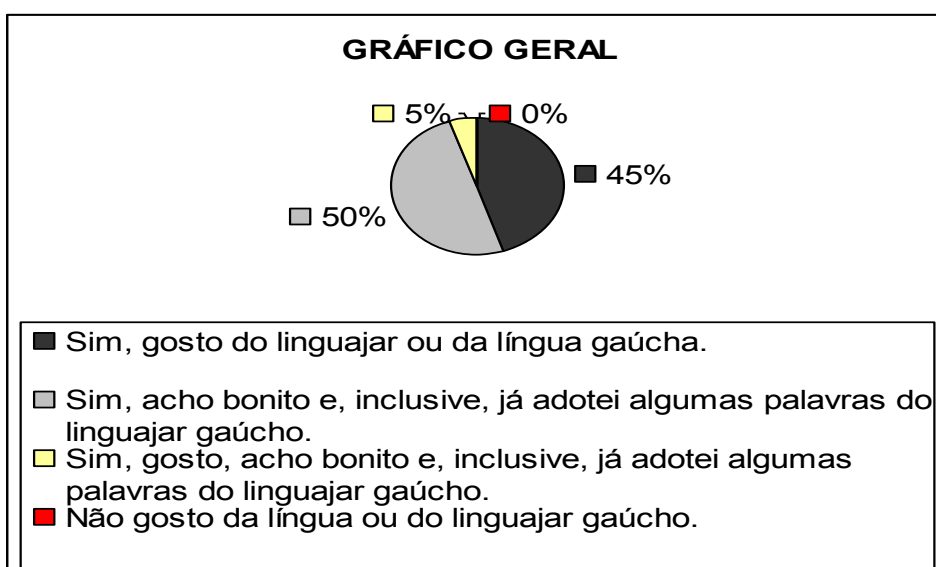


Fonte: Elaborado pelos autores.

As informações coletadas indicam que os gaúchos, propagadores do dialeto sul-riograndense, acreditam, em sua maioria, que a comunidade de Vilhena fala uma variação próxima de seu dialeto. Já os migrantes não gaúchos ficaram divididos. Em uma análise geral do Gráfico 03 tivemos: 48% disseram que não veem diferença na variação dialetal local, porém, 52% dos imigrantes acham o dialeto vilhenense próximo do dialeto gaúcho.

Perguntamos aos nativos e aos imigrantes não gaúchos, se gostam do sotaque ou do jeito de falar dos imigrantes gaúchos. Com as respostas, organizamos o Gráfico 04:

Gráfico 4: Aceitação do dialeto gaúcho por nativos vilhenenses e imigrantes não gaúchos

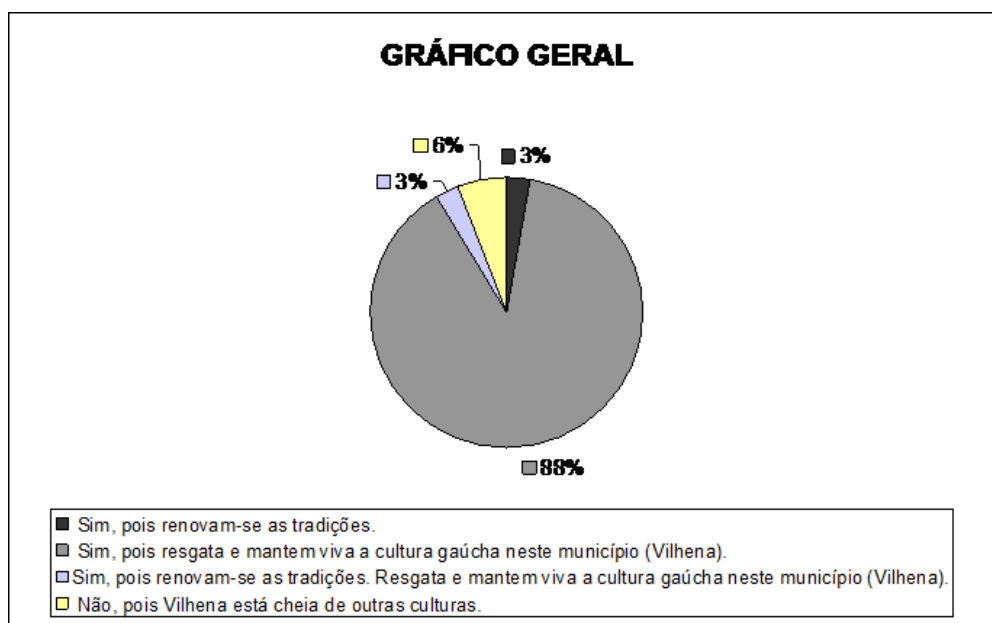


Fonte: Elaborado pelos autores.

Visando verificar a aceitação, o vínculo e a influência do linguajar gaúcho na construção do dialeto vilhenense, obtivemos pontos positivos, pois, analisando o Gráfico 04, tivemos: 100% dos entrevistados disseram gostar do dialeto gaúcho; 55% dos entrevistados nativos e não gaúchos relataram que acham bonito e já adotaram algumas palavras desse dialeto. Nesse contexto, todos os entrevistados disseram gostar do dialeto gaúcho presente no município, alguns por acharem bonito, outros por gostarem e por conhecerem alguns imigrantes com essa herança dialetal. Contudo, percebemos que a comunidade vilhenense aceita a variação dialetal gaúcha propagada no município, isso acontece, pois, são variações, muitas vezes, proferidas pelos pais, familiares e amigos desses informantes.

Perguntamos a todos os informantes, com o objetivo de verificar se o Centro de Tradições Gaúchas Sinuelo do Norte, símbolo da cultura gaúcha em Vilhena, está colaborando para a propagação da cultura gaúcha no município. Assim, perguntamos se os entrevistados acham importante o trabalho do CTG em preservar e divulgar a cultura Sul-Rio-Grandense.

Gráfico 5: Importância do CTG Sinuelo do Norte na divulgação da cultura gauchesca em Vilhena



Fonte: Elaborado pelos autores.

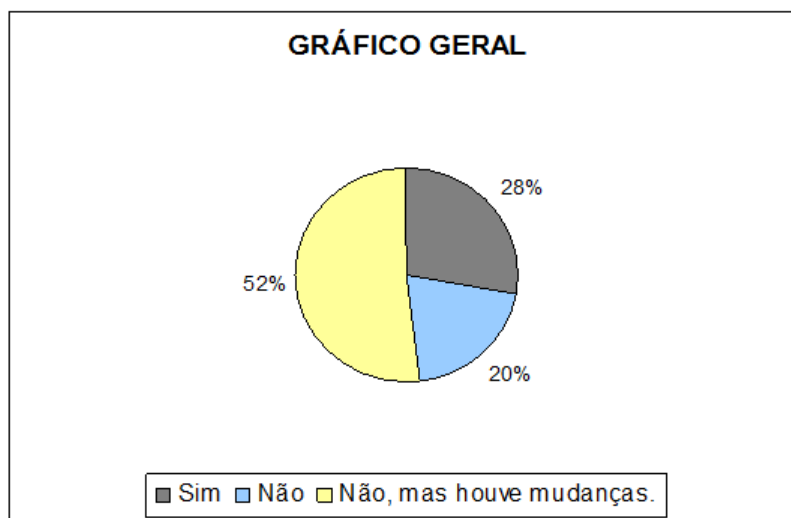
Com os dados expressos através do Gráfico 05, percebemos a força do CTG Sinuelo do Norte, pois 94% dos informantes acreditam que o CTG contribui para manter vivas as culturas sul-rio-grandenses em Vilhena. Os entrevistados afirmam que a instituição resgata,

renova e mantém as tradições gaúchas nesse município. Assim sendo, o CTG também contribui com a variação dialetal local, pois o linguajar gaúcho faz parte da identidade cultural de seu povo, nesse sentido, a instituição influencia em sua propagação e, por sua vez, na construção sociolinguística dessa comunidade.

Calvet (2002) afirma que, as atitudes linguísticas são poderosos fatores de evolução linguística, assim, percebemos que os entrevistados têm uma aceitação do dialeto gaúcho no município e isso proporciona sua propagação e sua assimilação pelos nativos e pelos imigrantes não gaúchos. Nesse contexto, através dos questionários sociolinguísticos, verificou-se a força do linguajar e da cultura gaúcha representada pelas atitudes dos moradores do município de Vilhena. Isso colabora para que a variação dialetal vilhenense possua caracteres do linguajar gaúcho.

Investigamos se os imigrantes (gaúchos e não gaúchos) adquiriram um novo sotaque pelo fato de morarem em Vilhena. Com os argumentos dos imigrantes, tecemos o Gráfico 06 que contempla a influência e a consistência do possível dialeto vilhenense. Analisando-o, temos: 20% salientaram não terem sido influenciados. Porém, observamos a presença de um dialeto em formação que já possui forças para influenciar outro linguajar. Essa afirmação se consolida, pois 52% dos imigrantes disseram ter observado mudanças na sua variação dialetal e 28% relataram que adquiriram um novo dialeto. Portanto, esses dados mostram a coexistência de uma diversidade linguística dialetal no município de Vilhena.

Gráfico 6: Influência de um possível dialeto vilhenense sobre a comunidade de imigrantes



Fonte: Elaborado pelos autores

Bauman (2005, p. 22) afirma que a identidade “é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objeto’; como uma coisa que ainda se precisa construir”. Desse modo, percebemos que o autor acredita na construção da identidade, assim, a aceitação dos costumes, do linguajar e de outros elementos da identificação sul-rio-grandense pode influenciar na construção da identidade dos moradores de Vilhena. Contudo, acreditando nessa possibilidade, elencamos alguns caracteres gaúchos aceitos pela comunidade do Portal da Amazônia. Assim, verificamos as seguintes contribuições da cultura gaúcha que também são identidades da população local, a saber:

- ✓ **Gastronomia** – Várias comidas e bebidas típicas do Rio Grande do Sul são encontradas na cozinha vilhenense. Vale destacar algumas, como: o pinhão e o quentão de vinho que são encontradas em festas juninas, julinas e agostinas; o arroz carreteiro; o risoto e o panetone de origem italiana; o chá mate e o vinho; entre as principais, destacam-se o chimarrão e o churrasco;
- ✓ **Esporte** – A cultura gaúcha também está presente no esporte e encontramos, em Vilhena, o rodeio, a prova de laço, o jogo de truco e o jogo de bocha, esse último está fortemente vinculado ao CTG Sinuelo do Norte;
- ✓ **Vestuário** – No aspecto vestuário, Vilhena não herdou essa característica sulista, pois o clima quente da Região Norte não favoreceu o uso dos trajes quentes e típicos do Rio Grande do Sul. Porém, no CTG Sinuelo do Norte, em seus bailes tradicionais, é comum, associados e simpatizantes usarem trajes típicos sul-rio-grandenses, como: botas, bombachas, lenços, vestidos típicos, entre outros adereços;
- ✓ **Música** – A música gauchesca marcou a colonização de Vilhena, pois, de acordo com entrevista ao Osvaldo de Mattos (popular Compadre Osvaldinho), “as famílias colonizadoras do município se reuniam em suas casas e se divertiam ao som da música gaúcha regada com chimarrão”. Os sulistas tentam manter as bases da cultura gauchesca, porém, o município cresceu e os jovens aderiram a novos ritmos de outras regiões do Brasil. No entanto, a música gauchesca ainda tem sua importância no município, pois encontramos programas de rádio que preservam a música sul-rio-grandense, casas noturnas que propagam essas músicas e principalmente o CTG Sinuelo do Norte que, em seus tradicionais bailes e festas, apreciam a chimarrita (fandango), vanerão, xote gaúcho, entre outras;

- ✓ **Festas** – Há algumas festas que tiveram suas bases na cultura gaúcha. Uma delas é a EXPOVIL (Feira Agropecuária e Industrial de Vilhena) que teve origem com a união de alguns colonos e agropecuaristas, pois desde os primórdios, praticavam montarias, provas de laços, etc. É oportuno atentar, mais uma vez, que o CTG Sinuelo do Norte também deixou suas marcas com as típicas comemorações da Semana Farroupilha e da festa do trabalhador que acontece no dia 1º de maio acompanhado de chimarrão, churrasco e músicas gauchescas; ainda, temos os bailes tradicionalistas que acontecem no decorrer do ano;
- ✓ **Linguajar** – A presente pesquisa mostra que o dialeto gaúcho está deixando suas marcas na comunidade vilhenense, visto que muitas palavras e expressões do dialeto sul-rio-grandense estão sendo propagandas pela sociedade do cone sul de Rondônia. Hall afirma que a identidade é construída através do tempo, por meio de mecanismos inconscientes. Ela é incompleta, pois está constantemente em transformação. O autor afirma que a identidade é algo inacabada, “deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2006, p. 38-9). Assim, o linguajar vilhenense também está em construção, é um mecanismo de identificação de seu povo. Desse modo, apresentaremos algumas palavras e expressões do linguajar gaúcho que são aceitas pelos moradores de Vilhena (ver Quadro 01):

Quadro 01: Palavras e expressões do linguajar gaúcho propagadas pela comunidade vilhenense

<p>Papudo = pessoa que fala demais Pereba = ferida Piá = menino, guri Jururu = triste, cabisbaixo Querência = casa, lugar onde se vive Tropeiro = condutor de tropas Botar os cachorros = falar mal de alguém. De orelhas em pé = atento Juntar os trapos = casar, viver junto Largar de não = desistir, abandonar Sinuelo = gado manso que puxa a boiada Peão = homem gaúcho; par da prenda Prenda = moça gaúcha Anca = traseiro dos animais Capaz = É mesmo Bah! = Nossa! Patrão = presidente, chefe Estância = fazenda Invernada = grupos de danças Matar cachorro a grito = estar sem dinheiro</p>	<p>Chimia = doce Pilchas = trajés gauchescos Bexiga = balão de festa Bergamota = tangerina Chapa = radiografia Chimarrão = mate Folinha = calendário Sentar o braço = surrar, bater Guri = menino Fandango = dança Peleia = briga Sinaleiro = semáforo Tchê = pessoa Prosear = conversar Bombacha = peça (calça) Charque = carne de gado salgada Xucro = animal arisco, inexperiente Galpão = construção rústica Gringo = estrangeiro Bagual = crioulo; cavalo que não foi castrado</p>
---	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, compreendemos que, na Amazônia Legal, há um município que carrega, em sua bagagem histórico-cultural, elementos da cultura gaúcha. Assim, percebemos que o linguajar gaúcho é propagado pelos imigrantes gaúchos e tem uma aceitação pela comunidade local. Verificamos, ainda, que as contribuições sulistas não se limitam ao âmbito linguístico, pois encontramos contribuições na música, na gastronomia, em eventos e no esporte. E, ainda, vimos que há a presença de uma variação dialetal no município, como afirmaram alguns informantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve por objetivo verificar o dialeto vilhenense influenciado, ou não, pelo dialeto gaúcho, porém, verificou e confirmou-se algo mais; examinou-se na prática que a língua é a parte social da linguagem, ela é um produto em constantes transformações que é herdado de uma geração para outra. A língua se transforma através de um processo evolutivo, e, por sua vez, carrega uma bagagem histórico-cultural de todos os contatos obtidos no decorrer de sua história. O Estado de Rondônia assim como o município de Vilhena são exemplos desse processo de evolução que carrega uma bagagem histórica, linguística e cultural de imigrantes provenientes das diversas regiões do país.

Contudo, pode-se afirmar que esta pesquisa foi positiva, pois podemos responder a nossa pergunta de pesquisa: o dialeto gaúcho contribuiu na construção sociolinguística de Vilhena? Com os dados em evidência, sem sombra de dúvida, o dialeto gaúcho contribuiu e contribui para a construção sociolinguística vilhenense. Considerando que a língua não é um produto estático, o dialeto de Vilhena está em construção e há vários imigrantes gaúchos tradicionalistas orgulhosos em preservar e manter vivas as suas raízes culturais e linguísticas. Assim, os dados coletados e a análise dos mesmos comprovam a contribuição do dialeto gaúcho na construção sociolinguística vilhenense.

NOTAS

¹ Trabalho apresentado no *XVII SELL – Seminário de Estudos Linguísticos e Literários* da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, em 03 de outubro de 2012.

² CULTURE [...] is that complex whole which includes knowledge, belief, art morals, Law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society" (TYLOR, 1920, p.01).

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**/ Nicola Abbagnano. Tradução coordenada e rev. Alfredo Bosi, com a colaboração de Murice Cunio, et al. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRASIL, Pedro. **Vilhena conta sua história**. Villhena: Gráfica Delta, 2000.
- CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à lingüística**. Porto Alegre: Globo, 1982.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica** / Louis-Jean Calvet. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- DUBOIS, Jean. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / *Stuart Hall*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Vilhena**. Disponível em: < <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=110030>>. Acesso em 07 de novembro de 2014.
- LIVRO Tombo**. Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora de Vilhena/RO, 1937.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras** / Fernanda Mussalim, Anna Cristina Bentes (orgs.). 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. **História Desenvolvimento e Colonização do Estado de Rondônia**. Porto Velho: Geográfica Editora, 1998.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Organizadores Charles Bly e Albert Sechehaye. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, Amizael Gomes da. **No rastro dos pioneiros; um pouco da história rondoniense**. Porto Velho: SEDUC, 1998.
- TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. John Mursay, Albemarle Street, W. v.I. 6.ed. Londres, 1920.